

Carta-colisão

Fernanda Xavier¹

Antes
nada as tocava;
agora
água e vento lhes desmancham o nome.

primeiro é 31 de agosto e eu estou a caminho, feito menina, sendo levada por um movimento violento porque já não posso parar – mesmo que eu tenha desejado já não ir, mesmo que eu já não saiba o porque de ir e pare somente uma necessidade. vejo uma fotografia que não existe dos meus pés, sem reflexo, apoiados no vidro do ônibus que me leva, a estrada vista sob o opaco de um tecido que a encobre – o movimento sendo anunciado nos faróis que vêm da direção oposta, colisão, a vibração do motor forte –, uma jovem mãe iluminada a alguns bancos atrás de mim – mulher e só.

escrevi um rascunho desse caminho pouco antes da meia noite, senti ali uma necessidade de palavra, para que não se perca isto que eu não sei se tenho – se deixo de ter. estávamos perdendo e eu não sabia, perdemos mais rápido que o movimento do ônibus me levando; enquanto eu sigo a estrada mulheres continuam seu trabalho no parada do ônibus, a mulher-mãe continua a cuidar da filha-criança, a senhora ao meu lado continua um silêncio com medo dos ataques de labirintite e policias viajam no mesmo ônibus para ser mais massa mais força mais medo no rio de janeiro. todos nós assistimos a comemoração que vem da tv em silêncio. eu tenho algo com estradas e sinto que é meu algo incomparável, meu tema; na estrada eu sou uma outra coisa, silêncio de viajante, porque eu não sei que lugar é este que eu chego, que

¹ É mestranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros, realiza ilustração e produção audiovisual. Contato: nandiniaxavier@gmail.com

tempo é este; é um filme que eu me esqueci por dois anos, é um filme que eu não sei o nome, um filme recalcado e desejado; eu já não quero ir, mas sei que é preciso continuar indo. eu vou,

•

encontrei a poeta duas vezes.

a primeira, na quinta feira, cheguei quase às 16h, já cansada. me perdi em copacabana por ter descido em uma estação antes da que deveria (por indicação dela, que sabia tudo). ela me recebeu com muitos presentes (atenciosos, afetuosos; aquela alegria em receber gente, gostar de gente. – eu senti esse tempo estranho de quem tem mais idade nos presentes, de quem deixa as uvas perderem porque uma semana passa de forma diferente; tudo cheirava estranho). ela me apresentou a casa, conversou, falou muito de si (em todos os dias); organizamos o encontro do outro dia, fotografei. me pus atenta a relação dela e a casa. a casa, um cenário pronto, cheia. papéis se amontoavam, poeira em todo lugar, livros ocupavam todos os cômodos, livros intocados. papéis que serviam para registrar qualquer passagem deste nome próprio em letra. tudo era ela. nas paredes muitos retratos, muitos nomes próprios *renomados*, gente que é algo. eu sentia o apego de uma vida. o desejo que se a memória não se esvaziasse.

o medo da morte, *esquecimento*.

lembrei, quando voltava no outro dia – passando pelo mesmo trajeto de quem desceu no ponto errado – do nome *rosalina coelho lisboa*. achei um livro perdido desta mulher-nome 4 anos atrás na biblioteca municipal, como muitos outros nomes que achei assim, me senti afetada. a edição feita por drummond, o livro desmoronando. procurei e só achei a capa, uma biografia pouca, nenhum outro livro, nada mais. *rosalina coelho lisboa virou nome de avenida no rio de janeiro*, pensei e ainda penso nestes que escrevem e tem medo do esquecimento do nome próprio.

a mulher-poeta deste encontro me parece querer ser rua. eu pensava que ela tinha medo do esquecimento da obra, mas agora – assim perto – tudo é nome.

ela desejava a câmera tanto quando desejava que alguém a escutasse, olhassem assim, sabendo *quem ela era*. poeta.

ela é prima de drummond, augusto de lima e tantos outros mineiros, tantos outros a amaram, tantos ela conhecia. ana c não é isso tudo que dizem, adélia prado só tem nome por ser dócil demais. e o desejo de ter entrado na ABL, como jorge amado convidara; *se eu soubesse...* em tudo havia poeira. o seu olhar ainda feroz.

eu consegui me manter de pé, eu tinha a câmera, eu estava ali atrás desta que é meu escuto (eu olho apurado), um véu. ali eu percebi que não haveria pesquisa de palavra, eu tentei pensar e ver o texto junto,

ela se declarava na câmera, dizia de si e de sua trajetória, até declarou seus pensamentos políticos, *toda forma de amor vale amar*, não houve sumidouro,

assumi o meu eu documental, filmei os retratos e as paredes,

propus um jogo (por fim), de sentarmos e, juntas, fazermos a leitura dos poemas. ela não olhava pra mim, encarou a câmera e falou; eu não sou jornalista e meu documentário não é dessa natureza. na câmera há eu olhando pra ela assim, silêncio, e ela olhando pra câmera assim, biografia, e enfim um obrigada, risos, eu me levanto e corta.

•

porque fui ao encontro desta que escreve, quando para mim os nomes abandonam a letra maiúscula para que esvaziem e deixem o texto assim, só, como deve ser?

eu discordava dela e, ainda assim, eu estava lá. captando em vídeo este corpo que dizia ser essencial ao texto mas se trancava num apartamento em copacabana e declarava querer ter encontrado a morte aos 64 anos.

porque, repetidamente, escondi as inscrições no meu corpo por ter subvertido essa vontade de letra maiúscula e ter posto cada letra como igual (*ave, jovem*)

são linhas retas travadas no meu braço, vistas de longe; eu quis assim.

e, diante da senhora, – um ser pronto, me dizendo tudo aquilo que pensava como um direito – eu cobri meus braços.

ela dizia, tachava, esse ódio pelas letras minúsculas; esse ultraje que é escrever o nome próprio sem isto que a grafia pede. era verborrágico e feroz, não podia.

eu não discordava em voz alta, assumia a minha feição impassível, neutra. quase no fim, sentada numa mesa do lado de dentro de um restaurante barato, eu perguntei a ela: *e se tudo não for isto que você diz “a sociedade” e sim o espaço de uma leitura? e se um texto puder afetar alguém mesmo assim?* ainda assim ela continuou algo que passou a ser então uma ladainha. a ladainha do escritor que se apega ao nome próprio, um escritor-passado. *eu falo de algo particular, eu falo de algo da experiência.*

e ela continuava dizendo que aqueles que eram tortos são mais populares, *mas eu não falo do popular, eu falo no impacto do texto em quem lê.* é só ser diferente, drogado, errado, que se vende, se faz sucesso. se for suicida melhor ainda. e aí tem a publicidade.

eu continuava lá.

a senhora a minha frente reclamava de todos em volta, vulgares, barulhentos. pediu para que caprichassem no nosso pedido, mesmo eu dizendo que comia pouco, e então fez uma teatralização em que primeiro comeria muito, pois come muito mal – e quando acontece de comer direito comia muito –, e então passar a comida a vasilhas que trazia na bolsa (sem que as pessoas do restaurante pudessem ver, mesmo que existisse a possibilidade de pedir para embrulharem), depois pegar guardanapos, sal e tudo que estivesse na mesa e também por na bolsa. eu ainda estava lá – já há muito tempo eu estava silenciosa, agora a minha voz já não conseguia sair.

paguei a conta e propus sair, já estava anoitecendo e eu estava com o meu equipamento. subimos para o apartamento para pegar as minhas coisas e ela me levou até a estação de metrô, sempre amável.

agradeci, já tonta.

disse até logo.

quando sai do metrô, na cinelândia, me deparei com algumas pessoas de preto numa das escadarias (creio que do ministério publico) e, logo adiante, um cerco policial muito bem armado já delimitando o espaço daquele ajuntamento. sabia que, pra mim, só existia o caminho de seguir e terminar meu dia; mais tarde eu ainda encontraria mais tropas a espera de algo, talvez algo que já tenha passado, minguido. e eu seguia.

agora é quarta a noite, esta carta começa uma semana atrás e termina aqui, 7 dias depois. há nesse tempo algo que me angustia,

hoje – o encontro passado, o calor seco. te escrevo no espaço de palavra-fraca, grafia pequena: uma carta.

p.s.: um corpo é mais corpo quando se deita